

## Psicologia Ecológica dos Usos de Drogas

Luís Fernandes\*

Descrevem-se os aspectos metodológicos e alguns dos principais resultados duma investigação acerca dos usos de drogas no sector juvenil em contexto urbano-industrial. Tomando-se como unidade de estudo o bairro da Ribeira-Barredo da cidade do Porto (uma cidade de características predominantemente industriais), utilizou-se o método da pesquisa de terreno, recorrendo a técnicas de observação directa e às histórias de vida. Discute-se, em primeiro lugar, a escolha do método, tanto na sua adequação às características altamente específicas do objecto como nas implicações epistemológicas do seu exercício. Em seguida, procede-se à descrição de alguns dos dados obtidos sobre a expressão urbana do fenómeno droga: a Ribeira-Barredo concentrador juvenil — características eco-sociais que a definem como “espaço quente” e que promovem o afluxo do sector juvenil; diferencialidade dos relacionamentos com drogas, variáveis hipoteticamente implicadas no processo de diferenciação e descrição dos tipos “junkie” e “freak flauta”; esboço de uma trajetória do fenómeno, desde a “ganza” em círculos restritos ao “junkie” dos anos 80. Finalmente, levantam-se hipóteses acerca da função dos visuais juvenis — códigos e leituras através dos sinais do corpo.

*“Daí a pouco vem o punk ter connosco, dirige-se à nossa mesa e diz:*

*— Vocês têm mortalhas?*

*— Eu não fumo — respondo eu.*

*Parece não acreditar, faz uma pequena pausa e diz:*

*— Vocês fumam, eu sei que vocês fumam!*

*Di-lo com um sorriso cúmplice, como se o visual e o lugar nos unissem nos hábitos.”*

Esplanada do “Bar C”, Ribeira-Barredo

*“...E se bebêssemos um copo por aí, em qualquer sítio aqui perto? Desçamos à Ribeira. (...) Sentamos naquela esplanada em frente ao rio? Olha, os lisboetas não entendem nada disto, do rio, da ponte, do Porto. (...) Adoro esta esplanada, assim cheia de dealers e de junkies”*

Rui Reininho (1987)

### Do objecto e do método

#### Do objecto

Estes fragmentos testemunham duas das

técnicas que compõem a pesquisa de terreno: a observação naturalista e a recolha de documentos sobre o objecto em investigação. São também testemunhos da presença do investigador em certos lugares: os sítios em que tem motivos para crer que pode aprofundar o conhecimento dos usos de drogas no sector juvenil duma cidade predominantemente do tipo industrial — o Porto.

Aproximamo-nos assim do nosso objecto; não lhe vamos contar a história da nossa relação com ele, que seria a história do seu recorte e delimitação, das intuições que fundaram hipóteses a seu respeito, das grelhas teóricas que nos preparam o olhar. Vamos apenas nomeá-lo: o sector juvenil, o consumo de drogas ilegais e a toxicod dependência, sabendo que por trás da definição que agora podemos dar dele há todo um percurso de indefinições, de meios e de tentativas para o fixar. Não tomaremos a toxicod dependência como o objecto a isolar e a caracterizar. Procurar-lhe-emos antes os contornos dentro dum fenómeno mais vasto e que diz respeito a uma muito maior faixa da população, pois é desse fenómeno que ela nasce e, por vezes, se demarca: os usos de drogas no sector juvenil. Somos, deste modo, remetidos para o estudo do viver juvenil, e escolhemos o contexto duma cidade predomi-

\* Assistente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Centro de Psicologia do Comportamento Desviante.

nantemente industrial— o Porto — para o levar a cabo.

Não isolámos a toxic dependência dos usos de drogas, pois é nestes que se desenham e demarcam os contornos daquela; não isolaremos também os usos de drogas das vivências próprias ao sector juvenil, pois é neste que ele se desenha e demarca.

Uma outra tarefa se nos revelou ainda necessária: a da compreensão histórica do fenómeno droga em Portugal, que nos tem levado a procurar-lhe uma trajectória inteligível — e estamos outra vez imersos no sector juvenil, na trama das suas modas e das suas sensibilidades e actos expressivos.

Ainda os fragmentos com que iniciámos. São peças dum conjunto de dados empíricos obtidos no terreno que nos falam da preferência juvenil por certos espaços da cidade (a Ribeira-Barredo, particularmente, é um *concentrador juvenil*) e dos comportamentos tidos e permitidos neles — a ecologia dos actos; falam de elementos subculturais juvenis: a música, o visual, o haxixe, os “punks”, os “freaks”, os “heavys”, os “betos” — as sensibilidades específicas que distribuem o sector juvenil e o desenham heterogéneo; falam da procura das drogas e do tipo de cumplicidade/confiança, do tipo de interacção que pressupõe, da leitura, diríamos etológica, dos sinais indicadores de que o outro jogará com as mesmas regras. Do conjunto de temas que os dados empíricos têm possibilitado categorizar, desenvolveremos aqui apenas alguns — mesmo assim, dum modo necessariamente sintético, que nos deixa sobretudo o mal-estar daquilo que fica por dizer. Mas antes, falemos do método.

#### Do método

Como escolher um método de trabalho? Encetaríamos outro percurso, agora pelas margens raramente contadas do trabalho científico, que nos dariam conta das opções mais ou menos bruscas, mais ou menos consciencializadas, das hesitações e finalmente das escolhas.

Justificá-las-famos recorrendo a um discurso sobre a conveniência deste método sobre aquele, desta técnica sobre a outra... Participaríamos do debate infindo das ciências

humanas sobre o que é conhecer, sobre como é melhor que se conheça para esse conhecimento ser científico. No limite, toda a opção metodológica reabre a discussão epistemológica. Para mais agora, que está outra vez na moda.

Limitemo-nos a partir destas duas ideias gerais: a escolha do método depende do recorte prévio do objecto, das suas especificidades e subtilidades (mas o recorte final do objecto, que é quando ele se desdobra no discurso que o explica, depende das especificidades e subtilidades do método); a escolha dum método depende sempre da filiação do investigador numa determinada racionalidade científica.

a) *O objecto*: a droga no sector juvenil é um acontecimento sobretudo urbano. “E mais, um fenómeno cuja extensão ganha contornos precisamente nas transformações recentes dos arranjos urbanos. Perceber a droga é, acredito, perceber o momento actual de desordem nos arranjos que a urbe tradicional conhecia, é perceber a expressão da vida nos sistemas de configuração (recente em Portugal) urbano-industrial” (Fernandes, 1989) (1). Esta constatação é consensual em especialistas de vários domínios, desde a psiquiatria (cf. Olievenstein, citado por Ingold, 1986) à antropologia urbana (cf. Romani, 1982).

As condições de distribuição das drogas ilegais e a ocultação do seu uso público por parte do consumidor geram, sobretudo nas drogas duras, grupos muitos fechados (Comas, 1981). Estes grupos “são pouco visíveis, pouco penetráveis, e têm sobretudo um profundo desprezo pela vontade de saber da legião de técnicos do social que lhes perseguem a palavra, os gestos — a intimidade (Fernandes, 1988). O fenómeno droga é intersticial, dotado duma “clandestinidade” que lhe confere aquilo a que Maffesoli, a propósito doutros fenómenos sociais, chama “centralidade subterrânea”. Captá-lo nas suas múltiplas manifestações significa poder atingir faixas sociais e estruturas de comportamentos que, pelo seu carácter de marginalidade e o seu estado de exclusão social, escapam imediatamente aos dados elaborados e adquiridos formalmente” (Ferrarotti, 1983).

b) *A filiação do investigador numa determinada racionalidade da ciência*; inscreve-se, no nosso caso, na ideia de fundo que consiste

em argumentar um estatuto epistemológico e metodológico próprio às ciências humanas. Ele deve alicerçar-se na afirmação da natureza específica do seu objecto, rejeitando a clássica redução durkheimiana do facto social à mera coisa. Com efeito, “o objecto de estudo da psicologia difere fundamentalmente do das disciplinas científicas tradicionais: é o sujeito humano em situação e não o sujeito tal como é definido pelas experiências de laboratório. (...) O sujeito é um corpo vivo num mundo de significação intencional” (Thinès, 1977). A acção possui sempre um sentido, não é um encadeado de comportamentos reactivos que fosse externamente captável pelos procedimentos objectivistas clássicos.

A argumentação em favor dum estudo epistemológico próprio acompanha, de resto, a psicologia desde a sua individualização como disciplina. É assim, não uma questão conjuntural, mas antes constitutiva da fundação e do percurso histórico da psicologia. Tem-se alicerçado, desde o século XIX, na crítica do ideal da objectividade quando este tem de confrontar-se com o indivíduo e a acção humanos, incontornavelmente subjectivos, e na crítica da importação do princípio de causalidade das ciências naturais pela psicologia — “mediante uma decisão arbitrária, não em virtude de alguma propriedade epistemológica inerente às ciências que tratam do homem” (Thinès, 1977). Confronta assim a psicologia com o seu oportunismo: ao aspirar à autonomia fez a transposição dos métodos físicos ao campo da investigação subjectiva, como passo para a legitimação científica assente na imitação dos modelos próprios às ciências naturais (*psicofísica, biometria, psicofisiologia*). Ora, a compreensão histórica do trajecto das ciências não nos ensina qualquer carácter necessário ou imutável na estrutura das ciências naturais que indicasse os pontos cardeais do que também deve ser a ciência do humano. (2)

O método da pesquisa de terreno é uma estratégia em que o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador “e supõe a sua presença prolongada nos contextos sociais em estudo e o contacto com as pessoas e as situações” (Costa, 1986). É o método que melhor permite responder às características do objecto que enunciámos na alínea a), assen-

tando numa *posição perceptiva proximal do investigador*. E é um método que, no nosso entender, pressupõe também a filiação que anunciámos na alínea b): tem em conta o carácter fechado dos grupos e a singularidade dos indivíduos em estudo. Tal carácter invalida ou reduz enormemente a aplicabilidade de metodologias que procuram a representatividade, a generalização e o nomotético, na esteira do tipo de conhecimento característico às ciências da natureza. Concordamos inteiramente com Bourdieu, Chandoredon e Passeron (1968) quando afirmam que “uma técnica aparentemente tão indiscutível e neutra como a amostra aleatória pode desvirtuar completamente o objecto da investigação, quando este está dependente da estrutura dos grupos que a própria amostragem aleatória tem por efeito fazer desaparecer”. A pesquisa de terreno, ao apoiar-se em técnicas predominantemente qualitativas, inscreve-se na tradição fenomenológica que privilegia “um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo” (Santos, 1987). A técnica predominante tem sido, na nossa investigação, a observação directa no contexto que seleccionámos. Adaptou-se a observação ao local (p.e., em que pontos estratégicos se oferece visibilidade e possibilidade de interacção? Como observar?), ao contexto interpessoal e ao momento — variou assim desde observação ocasional, quase episódica, à mais sistemática, à ecológica, à participante. Realizámos também observação através de levantamento fotográfico, cobrindo desde as características físicas do ambiente e da malha urbana até aos actores que aí se movem, passando pela pormenorização de alguns pontos de observação (p.e., a esplanada do “Bar C”). Utilizou-se ainda a técnica das histórias de vida, e a recolha e análise de produções subculturais juvenis e de documentos vários que dissessem respeito ao local ou aos comportamentos em estudo.

Porque se escolheu a Ribeira-Barredo para a maior parte do trabalho de campo? (3)

— é um sítio que, no imaginário da população do Porto, é conotado com comportamentos desviantes e com “drogados”;

— é concentrador juvenil (constatação amplamente documentada, para além das nossas observações, por sucessivos trabalhos jornalísti-

cos sobre a zona, ou sobre a juventude portuense, que ultimamente têm vindo a aparecer);

— é um sítio de afluxo de consumidores de drogas, e onde se opera uma actividade de tráfico de rua;

— é um espaço citadino caracterizado sociológica e urbanisticamente, o que se revela importante facilitador para o nosso projecto de relacionar espaço urbano e comportamentos específicos.

Escolhido o espaço em que decorreria o estudo, encetámos, a partir de finais de 1985, a pesquisa de terreno. Daí para cá fizemos da Ribeira-Barredo o lugar aonde nos deslocamos quase quotidianamente, contabilizando longas horas de permanência no terreno. O trabalho de campo constitui-se como um compromisso de interacção directa com os actores sociais — não tanto a técnica pura da observação participante que caracterizou a antropologia clássica, mas, chamemos-lhe, uma psicologia ecológica como participação no sentido em que, como afirmou Franco Ferrarotti para a sociologia qualitativa que defende, “se reclama um contacto imediato e de confiança recíproca entre objecto da investigação e investigador” (Ferrarotti, 1983).

Prescindiremos aqui, porque foge ao carácter sintético desta comunicação, duma descrição detalhada da Ribeira-Barredo nos seus aspectos históricos, socio-demográficos e urbanísticos (4). E circunscrever-nos-emos apenas à análise dos dados empíricos que falemos imediatamente do nosso objecto.

### Psicologia ecológica dos usos de drogas

#### *Ribeira-Barredo concentrador juvenil: um espaço quente*

A Ribeira-Barredo (R-B) foi alvo, a partir de 1975, duma operação de renovação urbana decidida pelo poder central em resposta à pressão exercida pelas comissões de moradores da população aí residente, constituídas no processo revolucionário do pós-25 de Abril. Esta operação de renovação consistiu, no seu fundamental, na descompressão da densidade populacional da zona, que, desde os finais do século XIX, vinha a atingir níveis incom-

portáveis (chegou-se, por vezes, aos 0.8 hab/m<sup>2</sup>).

Pôde então encetar-se a recuperação do espaço físico, restituindo a habitabilidade à maioria tanto das residências como dos espaços e dos locais públicos. A procura do efeito arquitetónico integrou-se no objectivo de recuperação do habitat da zona, visando finalmente o “renascimento” da R-B como espaço público integrado no funcionamento do Porto (ao nível do comércio, da cultura, do recreio, do lugar para viver). A R-B desloca-se assim, no espaço de 6-7 anos, do “ghetto” mais degradado da cidade para o lugar de lazer privilegiado. Desde então, este enclave urbano tem vindo a constituir-se como um importante lugar de afluxo de adolescentes e jovens — a R-B é um *concentrador juvenil*. Na memória colectiva fica no entanto ainda retida a imagem da zona como “perigosa”, “pouco aconselhável”, “a evitar”.

Esta constatação, que resultou do nosso conhecimento pessoal da zona, dum conjunto de observações efectuadas e da recolha de documentos (sobretudo jornalísticos) sobre a expressão juvenil portuense, impôs a necessidade de responder à questão do porquê do afluxo juvenil. Que aspectos da sensibilidade adolescente se sentem aqui gratificados? Como se articula isto com o consumo de drogas?

A recolha de dados de observação em locais públicos diversos (5), mas sobretudo na esplanada daquele que designaremos por “bar c”, permitiu uma análise segundo vários critérios:

- análise da variação da frequência da população jovem com: a hora do dia; o dia da semana; o tempo atmosférico;
- descrição dos tipos de jovens;
- análise da ocupação do tempo e do espaço desses jovens;
- análise das características do local público (variável) em que nos encontrávamos.

A conjugação de dados extraídos desta análise permite algumas constatações e sugere algumas hipóteses acerca da R-B como lugar de concentração juvenil:

- *a quantidade de sol* é uma das características consistentemente relacionada com a densidade de jovens neste espaço, que aumenta ou diminui com os respectivos aumentos ou diminuições daquela. Tem também importante influência no padrão de estimulação luminosa

e da cor no conjunto urbano da R-B, bem como na temperatura atmosférica. É nos dias de grande luminosidade e de temperatura amena ou francamente quente que a R-B regista as suas frequências máximas.

- *a mobilidade* do quadro humano no espaço da rua (o vai-vem, a massa de gente em movimento) depende da característica anterior, e soma-se a ela para assinalar a R-B como um *conjunto urbano de alto teor de estimulação visual*, irrepitível noutra qualquer parte do Porto. As posturas dos indivíduos nas esplanadas orientam-se predominantemente na direcção em que é possível otimizar a captação de estimulação. A mobilidade realiza um forte contraste com o padrão visual oferecido pelo rio Douro, que possui um padrão de estimulação homogéneo, em movimento lento, quase imperceptível (mas ainda de grande luminosidade). Apontamos deste modo para a característica seguinte:

- *o contraste* mobilidade/fixidez, agitação/tranquilidade. Há um movimento constante que se oferece à percepção visual, sem que nada pareça mover-se bruscamente: desde as águas do rio à gente nas ruas, é o conjunto que se move lentamente. Se a rua mostra um aspecto vivo e agitado (“Parece Bombaím!”), ouvi uma vez exclamar um indivíduo ao olhar o cais da Ribeira), a observação das pessoas em particular permite constatar um fluir lento dos acontecimentos — paradoxo observável mas difícil de traduzir por palavras. O contraste tradicional/moderno é marcante: nas pessoas (os residentes do bairro e os “forasteiros”, os velhos da faina comercial da beira-rio e os jovens aderentes às últimas modas urbanas), nas actividades (o comércio tradicional da tasca, da loja, da barraca de hortaliça, e o comércio do restaurante de luxo, do “pub”, da passagem de modelos, do grupo rock, do teatro), no espaço físico (a traça medieval e as decorações pós-modernas dos interiores dos bares “in”), no lazer (jogar à bisca na tasca, fumar um “charro” e permanecer numa esplanada a ouvir Rolling Stones ou Xutos e Pontapés).

- *o ritmo* com que o fluir dos factos aqui acontece é nitidamente diferente do do resto da cidade — p.e., os automóveis (poucos) deslocam-se a 10 ou 20 Km/h, no máximo. Dir-

-se-ia que a pressa na Ribeira é menos urgente. Esta característica liga-se à *vivência do tempo* nos grupos juvenis que aqui ocorrem, bem ilustrada no tipo de estadia que fazem nas esplanadas: não vão lá, vão para lá. Habitam-nas, preenchem-nas, investem o estar ali. (Fizemos observações noutra esplanada que é concentrador juvenil — o Molhe na Foz — e constatámos uma forma de estadia nitidamente diferente).

- *a música*, o álcool (sobretudo cerveja) e o tabaco são elementos de consumo permanentes, nos espaços de lazer; o uso de haxixe, dum modo mais discreto, é também frequentemente detectável.

- *os padrões de interacção* caracterizam-se pela facilidade com que se estabelece comunicação física e verbal. A comunicação física diz respeito, fundamentalmente, a uma territorialidade diferente da habitual (nos bares, no espaço de rua), em que a “zona inviolável” — o “espaço íntimo” que Hall (1986) pôs em relevo nas suas investigações proxémicas — de cada território individual está nitidamente reduzida, sem que isso pareça ser vivido como ameaçador. A comunicação verbal é profusa. É-se frequentemente interpelado por estranhos (a pedir um cigarro, a perguntar por “haxe”, “tens dez paus?”, “pagas-me um copo?”...) e por vezes esta interacção mínima dá lugar à conversa mais demorada. A comunicação física que referimos atrás facilita frequentemente esta espontaneidade no contacto verbal.

Por sua vez, os padrões de interacção, tanto ao nível da que decorre duma utilização específica dos espaços públicos como da que decorre da comunicação verbal, mostram-nos um esbatimento privado: a esplanada, o bar, a praça, são sobretudo sítios de fusão. São públicos, restauram em certo grau a relação face-a-face, reabilitam um certo sentido comunitário que tem vindo a ser perdido nos sucessivos actos de privatização que culminaram na cidade moderna, característica da sociedade urbano-industrial. Se combinarmos isto com a função variada que o espaço público preenche (interceptam-se em simultâneo o lazer, o comércio, a atracção episódica, o artesanato, por vezes a festa, a rua como lugar de socialização das crianças da zona) chegaremos a características que o identificam com as funções

que desempenhava na cidade pré-industrial. A rua aqui é espaço de vida, cenário denso de interacções, trama intrincada de contactos. Oferece-se como desfile permanente, preenche a percepção do espectador — distrai (ainda que seja às vezes pelo patético: as cenas de conflito e de agressividade que uma vez ou outra presenciámos...). A rua, aqui, ainda não pertence aos automóveis. Estes é que, em ritmo muito lento, têm de adequar-se à zona, desviando-se de galinhas e cães ou de gente que conversa no meio da rua...

A Ribeira que atrai numerosos indivíduos jovens — A Ribeira *concentrador juvenil* — é sobretudo a Ribeira das tardes de sol, com boas condições climáticas e muita luz. O Verão é por isso a estação privilegiada. Mas também dias de Inverno em que o sol mediterrânico faz esquecer o frio e as chuvas. Nestes dias o espaço de rua é intensamente espaço de vida. Imagens raras numa cidade industrial são aqui possíveis: contam-nos da reminiscência da urbe pré-industrial que é este enclave citadino.

A R-B parece pois configurar-se como lugar de interacção “quente” alternativa à cidade “fria” (retomamos os termos de Hall, 1986). A procura desta dimensão de comunicação, deste restauro do espaço de rua como espaço de vida, desta reabilitação da cidade como lugar onde é estimulante estar (na sua aceção puramente sensorial) será assim aquilo que pode contribuir para responder à nossa interrogação: porque é que ela é *concentrador juvenil*?

#### *Características de alguns dos relacionamentos do sector juvenil com as drogas: o “junkie” e o “freak flauta”*

Resta a outra questão, que já transportamos em aberto desde o ponto anterior: porque atrai consumidores de drogas?

Em primeiro lugar, basta o facto de ser *concentrador juvenil* para reunir fortes probabilidades de ter, entre os jovens consumidores de drogas — puramente um efeito de distribuição estatística, portanto. Mas, se analisarmos mais de perto, dar-nos-emos conta de que “os drogados” da Ribeira, como categoria homogénea tal como é geralmente encarada pela população, não existem... Se tentarmos

descrever e sistematizar o conjunto de jovens que residem ou frequentam a R-B, só o conseguiremos fazer descrevendo uma *dispersão de tipos*: no visual, nos locais preferidos, na forma como ocupam o tempo, na forma como se relacionam com um determinado espaço... Um exemplo: há espaços que acolhem um tipo de jovens predominante, p.e., jovens adultos consumidores de drogas, desocupados ou de profissões manuais; e interseccionam-se doutros tipos que “convivem” com este: p.e., o “freak” intelectualizado, com o seu visual típico. A este tipo de espaço já não vêm, p.e., jovens “convencionais” — os do estrato médio-burguês, aderentes à zona central de comportamentos, atitudes e valores dominantes na nossa sociedade. E quando vêm não interaccionam significativamente com os outros tipos, fazem uma ocupação do espaço mais convencional (p.e., os comportamentos expectados socialmente para se estar num café) e têm uma curta duração média de permanência, comparados com os primeiros (menos de uma hora, em geral enquanto estes ocupam assim largos pedaços da tarde).

Somos, assim, confrontados com uma distribuição de *sensibilidades juvenis*, observável através de *elementos expressivos* próprios a cada uma. Por desinteressante que isto pareça, tem pelo menos o interesse de nos ensinar que “a juventude”, “as necessidades dos jovens”, são generalidades de pouca utilidade descritiva, pois não lhes conseguimos fazer corresponder no concreto nenhuma categoria unívoca...

Um dos *elementos expressivos* (Brake, 1985; Hall, citado por Romani, 1985) típicos de algumas — e só de algumas — sensibilidades juvenis é um determinado uso de drogas. Este uso obedece a um regime, cumpre fins e exprime intencionalidades que não são sobreponíveis a outro tipo de uso. Assim, o “freak” intelectualizado, cultor de artesanato e fumador de haxixe e erva, tem poucos ou nenhuns contactos com o “junkie” de drogas duras, que faz do pequeno tráfico e do expediente a sua estratégia de existência, que eventualmente já passou pelo circuito penal e que transformou o seu regime de vida numa constante obsessão em volta de seringas, pós, xutos, “flashes”. Lamentavelmente, o discurso dominante generaliza ou infere o “drogado” a

partir da imagem do “junkie”, cria uma categoria abstracta que não respeita a diversidade do fenómeno — as drogas figuradas não são fiéis às figuras das drogas... O “problema da droga na juventude” é um slogan ameaçador e mitificante que, generalizando simplisticamente, encobre o facto real: a existência de *diferentes relacionamentos do sector juvenil com as drogas*.

O “freak” e o “junkie” são dois destes relacionamentos dominantes na R-B. Nos “freaks” as drogas estão sobretudo associadas ao lazer e ao prazer, são usufruto do tempo livre, são um dos elementos que nele conformam um estilo de vida. O seu consumo não é compulsivo, é contemplativo — ajuda a criar sintonia com um ambiente, com uma forma de estar num lugar, a habitar a tarde ou a noite e a olhar o rio e as gentes que passam no cais da Ribeira. Nos “junkies” as drogas estão no centro: da sua dependência física e psíquica, da sua subsistência através do pequeno tráfico. O seu dia organiza-se em função delas, os seus contactos sociais ocorrem por causa delas, a pretexto delas, o tema das suas conversas acaba por desembocar nelas...

Este relacionamento com drogas não é específico da Ribeira, nem sequer é tão central aqui como noutras zonas da cidade. É, dum modo geral, de todas as zonas em que as condições sócio-económicas desfavorecidas possam incentivar o recurso a economias subterrâneas como as do pequeno tráfico, é de todas as zonas com largo número de jovens que abandonaram cedo a escola, que não têm qualificações profissionais competitivas, há longo tempo desocupados. É nos bairros periféricos desfavorecidos, é sobretudo na juventude “ghettizada”, com escassos recursos culturais e educativos, que as drogas duras têm encontrado terreno favorável para a sua expansão. No entanto, o fenómeno “junkie” não deve ser associado apenas às “toxicomanias de miséria” (Romani e Funes, 1985), ligadas “à profunda e precoce marginalização e conflito” — é mais lato, ocorre em diversos meios sociais e tipos de habitat. É possível, dentro do tipo genérico “junkie”, que diz respeito a uma relação exclusiva com drogas duras, estabelecer subtipologias específicas (Cf. Romani e Funes, 1985).

Regressando ainda ao tipo “freak”, ele é, também entre nós, um herdeiro do “hippie”. Há uma continuidade dum tipo a outro tanto em elementos constituintes do visual como no sistema de padrões de comportamento e atitudes, tanto no culto da pop-rock (no “freak” predominantemente o rock progressivo) como no tipo de relacionamento com drogas. Tem, no entanto, hibridações com outras formas de expressão, o que corresponde a uma diluição do tipo “hippie”, originalmente um subgrupo pequeno e bem delimitado, (e que entre nós atingiu uma fraca expressão) estendendo-se agora a um muito maior número de jovens. Hibridações frequentes deram-se com a juventude ligada aos meios artísticos, dos teatros experimentais e dos ciclos de cinema e de alguma música popular portuguesa, e também com a que se ligava, na segunda metade dos anos 70, ao activismo ecologista e mesmo a algum militismo partidário. Nasce assim o chamado, em gíria, “freak flauta”, que tem o seu auge entre 76 e o início dos anos 80 e hoje está francamente em decréscimo, substituído, em indivíduos que atingem agora a adolescência, por sensibilidades juvenis derivadas das múltiplas ramificações grupusculares pós-punk.

Deste modo, tal como o “junkie” também o “freak” não é uma categoria unívoca, desdobrando-se em subtipos largamente dependentes da época em que surgem e do meio social de origem. Corroboramos assim a importância destes dois factores salientados por Romani e Funes (1985) como diferenciadora dos tipos de consumidores. O “freak” tem extensões em meios sociais populares e francamente desfavorecidos: Rui Veloso/Carlos Tê fizeram entrar para o imaginário colectivo o Chico Fininho, “Freak da Cantareira” fã de Lou Reed (um “junkie” famoso no sector juvenil, autor de “Heroin”), “curtindo uma trip d’heroína (...) conhece os flipados todos de gingeira”. Jovem duma subcultura marginal (bem revelada no léxico) com elementos “freak” e “junkie” hibridados — é o “freak” suburbano.

O “freak flauta” utiliza as drogas leves com funções simbólicas ligadas à afirmação duma diferença, dum distanciamento em relação aos valores da sociedade convencional. A droga associa-se a outros elementos expressivos com função idêntica: a ostentação dum visual alter-



nativo ao dominante, o culto do artesanato e do biodegradável como denúncia do consumismo poluente, o culto da natureza como regresso a uma comunicação perdida e as ideias de simplicidade que implicam uma certa ascese pessoal, a atitude contemplativa como recusa da pressa e da superficialidade urbanas. Estes elementos, em conjunto, definem — recorremos de novo à linguagem de gíria desta subcultura — uma postura “cool” perante a existência e uma atitude negativista perante o sistema produtivo de massa e o tipo de objectivos e de relações pessoais que promove. A droga faz parte desta constelação de elementos, é facilitadora do contemplativo, da postura “cool”, é instrumento para um estado de consciência alternativo que permita e cultive o alheamento do sistema de valores e das exigências da sociedade dominante. Ora, não é a R-B um espaço que convoca o tradicional? — na sua história particular, no seu testemunho arquitectónico, na sua malha urbana, mas também na restauração de características de vida que a cidade industrial aniquilou (p.e., a reabilitação do espaço de rua como espaço polifuncional de vida). Constitui-se assim como espaço que contribui para a diversificação da cidade, característica fundamental para que esta se adapte à heterogeneidade dos indivíduos e dos grupos e possibilite a diferença. A procura da Ribeira pelo “freak” corresponderia ao encontro dum lugar onde as características da sociedade dominante que critica estão mais esbatidas. A zona, enquanto matriz ecológica, estaria em consonância com algumas das exigências simbólicas do uso de drogas “freak”. E, além de convocar o tradicional, a zona faz convergir também o moderno: exactamente os dois pólos entre os quais se desloca o Porto no seu direccionamento para uma cidade de características cada vez mais industriais. É como se a R-B sintetizasse uma equação presente no discurso colectivo: o antigo e o moderno, o típico e o inovador, o “como dantes” e o “da moda”. A R-B é, ao mesmo tempo, “retro” e “in” — para citar termos da gíria juvenil. Esta equação está também presente no “freak cool”: procura a fuga ao intensamente urbano (daí as típicas férias à boleia em aldeias perdidas, daí a valorização das comunidades do interior rural), mas não sobre-

vive sem ele — é urbanizado nos seus hábitos de consumo (que curiosamente denega com frequência) e na apetência pelo produto cultural juvenil mais genuinamente urbano, o rock.

Ainda uma outra constatação relativamente à presença do “freak” na R-B: há uma coincidência entre características ambientais deste espaço e características do vivido fenomenológico do consumidor de drogas (6). Vimos, com efeito, que a gratificação dos sentidos e uma vivência específica do tempo traduzida num ritmo particular eram favorecidas pelas características ambientais da R-B. Ora, tanto a gratificação sensorial “em directo” como um regime do tempo particular são atingidos pelo uso de psicoactivos. Eles permitem a paragem do tempo, a sua lentificação — um ritmo “cool” — associados a uma vigília sensorial muito amplificada, com hipersensibilidade a sons habitualmente insignificantes, com descoberta de novas facetas nos sons habituais, com sinestésias, “flashes” acústico/visuais (p.e., a escutar música), com hipersensibilidade a configurações ricas visualmente (daí a importância do cenário de luzes psicadélicas nos concertos rock); permitem também a extensão subjectiva do tempo, que favorece a postura contemplativa, o usufruto dum lazer que não seja feito do mesmo ritmo da pressa quotidiana.

*Uma trajectória do fenómeno: da “ganza” em círculos restritos ao “junkie” dos anos 80*

Uma das formas de tornar nítida a mobilidade das manifestações do fenómeno droga, traduzida na dispersão dos relacionamentos do sector juvenil com uma dispersão de psicoactivos, é a reconstrução da sua diacronia. A análise de produções culturais juvenis, bem como de documentos vários que vão sendo testemunhos dos usos de drogas em Portugal (com relevância para artigos jornalísticos), têm-nos sido úteis para esta tarefa. Mas o método fundamental é o estabelecimento de histórias de vida de indivíduos que são, digamos, “históricos”, no sentido em que viveram desde o início o fenómeno crescente do uso de psicoactivos em Portugal. As suas histórias de vida “realizam uma contracção do social no individual, do nomotético no ideográfico (...) que faz sair do magma bruto do comportamento indiferen-

ciado instâncias tendenciais significativas” (Ferrarotti, 1983). Diríamos, no nosso caso, instâncias tendenciais duma psicossociologia das drogas na sua evolução temporal. Este método, aliado à observação de terreno, foi-nos fortalecendo a convicção de que o uso das drogas neste sector etário (e social) não se submete a um padrão simples. Fomos assim conduzidos a falar em relacionamentos sector juvenil-psycoactivos, o que assinala desde logo uma heterogeneidade nos factores indutores do consumo, no seu papel funcional e nas suas consequências. O grupo juvenil é, por sua vez, uma dispersão de subgrupos que distribuem uma variedade de sensibilidades próprias. O conjunto dos relacionamentos referidos constitui uma tipologia, que, aliada à emergência sucessiva dos tipos, nos permite a trajectória do fenómeno em Portugal. Salientaremos no entanto a expressão esbatida da sua manifestação, se comparada à amplitude e exuberância dos países mais industrializados. De facto, uma parte considerável da população juvenil não participa de nenhum subgrupo adolescente de características subculturais urbanas; o controle do meio familiar sobre o jovem e factores culturais ligados à manutenção de hábitos e comportamentos próprios duma sociedade ainda largamente tradicional diminuem o peso à universalização de padrões/valores/actitudes tipicamente anglo-saxónicas.

Esta tipologia tem também um carácter comprimido no tempo. Será sobretudo depois do 25 de Abril que uma tipologia juvenil se esboça e é referenciável pela opinião pública. Daqui decorre uma compressão temporal na sucessão dos tipos, que faz coexistir sensibilidades em linha directa do antigo movimento hippie (1965-70 nos EUA) com sensibilidades híbridadas com a nossa cultura — p.e., o militante de esquerda, ecologista, fumador de erva e amador de música popular portuguesa de intervenção — ou com sensibilidades inspiradas mais ou menos no “punk” britânico e ramificações decorrentes.

Esboçaremos, de um modo muito sintético, alguns elementos, ainda dispersos, que falemos duma diacronia do fenómeno droga entre nós, com o correr paralelo dos tipos juvenis. Só um maior número de dados, principalmente os obtidos com histórias de vida dos sujeitos a

quem chamámos “históricos”, permitirá traçar um contorno seguro à trajectória.

- *Antes do 25 de Abril* : a partir do final dos anos 60, período de utilização de psicoactivos em círculos bastantes restritos (sobretudo festas particulares dum estrato sócio económico alto). O LSD era a novidade que vinha do estrangeiro e que, aliado à música, constituía elemento expressivo duma vivência subcultural juvenil em embrião. Uma componente de “droga-subversão” estaria presente: uma certa auto-consciência de nessas reuniões restritas se praticarem actos e formas de estar reprovados pelos adultos. Para estes, o referente difuso e longínquo dos “teddy-boys” assinalava estes jovens com a notícia de “perdição”, “frivolidade”... Será em 1971 que começam a aparecer os primeiros cartazes antidroga: a campanha “droga-loucura-morte”. Não parece responder, no entanto, a um pedido de protecção do corpo social, que não podia ainda na altura a perceber claramente aquilo que se passava em grupos bastante restritos de jovens. Organizou-se como estratégia de poder visando erigir o fantasma dum fenómeno de desordem que viesse trazer a necessidade de congregação em torno dos ideais do regime com vista à sua erradicação — a união familiar, os valores tradicionais portugueses, estavam ameaçados por esta desviância. Tornada bode expiatório, fez-se responsável de todos os acontecimentos que na altura ameaçavam o poder. A congregação que convocou permitiu a legitimação da repressão contra tudo o que relevasse da desordem: greves, movimentações estudantis, rebelião contra a guerra colonial, reivindicação de democracia. (Cf. a análise desta campanha em C. da Agra, 1980).

- *Depois do 25 de Abril* : um período, até 1976, em que as drogas não aparecem no horizonte das preocupações de primeiro plano; este é o lapso de tempo em que ocorre uma vinda maciça dos ex-colonos, factor importante para a divulgação do haxixe e da erva. Em 1976 o poder monta a segunda campanha antidroga, ainda nitidamente desajustada à extensão real do consumo de psicoactivos (cf. ainda C. da Agra, 1980).

- *Período entre 77 e 79* : o sector juvenil urbano toma contacto efectivo com uma série de drogas, em que as anfetaminas, mas também

o tradicional álcool associado a tranquilizantes, hipnóticos e barbitúricos, têm destaque. É o período de escalada do fenómeno nas escolas secundárias e em locais públicos destinados à juventude que são nessa altura incrementados (bares, discotecas, concertos rock...). Uma tipologia juvenil já diferenciada começa a ser visível: os "freaks" são o tipo dominante, têm muitos efectivos nos estudantes do secundário, são os líderes nos padrões de uso de drogas. A heroína é uma droga ainda pouco frequente. Um outro tipo juvenil, às vezes produzido pela extremização do "freak" para limiares de consumo que entram na toxicod dependência, abandonam a postura "cool" e instauram a "hard", é o indivíduo "ganzadão", na gíria: recorre a toda a espécie de produtos químicos que consegue arranjar, desde que tenham algum efeito psicoactivo — nem importa qual. As politoxicod dependências começam assim a ganhar expressão, alimentadas pelos assaltos às farmácias, que entram no dia-a-dia dos delitos urbanos mais frequentes (na gíria "faziam-se farmácias" e a colheita, se bem sucedida, rendia uma grande panóplia de fármacos, com destaque para a morfina).

• 1980 : *eclosão da heroína*. Desenvolve-se o mercado negro em torno deste opiáceo, muito mais lucrativo do que todas as drogas anteriores a si. A heroína vai fazer inúmeros adictos, muitos deles vindos da situação de politoxicomania do período anterior e a ela regressando quando não podem dispôr de pó. Demarca-se um tipo juvenil que fará em breve a curiosidade, mesmo o voyeurismo, dos meios de comunicação de massa, criando-se a imagem de que "o drogado" é ele: o "junkie", de quem já falámos atrás. As campanhas antidrogas seguintes terão como destinatário o potencial "junkie", esquecendo-se em absoluto que os usos de drogas não se resumem a esse perfil relativamente abstracto hoje no centro dos desvios urbanos, dos desmandos e das desordens — regresso do fantasma ameaçador que transporta o caos e convoca estratégias paranoídes de defesa por parte dos micropoderes do social.

#### Nota final

A circunstância de termos organizado o

sector juvenil numa tipologia de que aqui demos pálida notícia em tópicos breves é já em si um facto com significado: ela não partiu do nosso esforço de sistematização, mas do discurso dos próprios jovens. São eles quem se auto-definem e definem aqueles de quem se demarcam, são eles quem se dão e lhes dão nomes: os "freaks flauta", os "retro", os "punks", os "góticos", os "ganzados", os "drunfados", os "betinhos", os "heavys", os "surfistas"... Os tipos são uma forma de criar/exprimir uma identidade generacional que torna a adolescência um espaço de crescimento próprio e uma forma de participar activamente no processo social, frequentemente pelo pólo da demarcação, da contestação, da organização de subculturas (Becker, 1963; Barreto, 1982; Brake, 1985; Hall, 1969; Lowney, 1984; Romani, 1985; Obalk, Soral, e Pasche, 1984; Stevenson e col., 1987; Willis, 1983).

O visual é um importante elemento na demarcação dos tipos: permite "arrumar" a heterogeneidade juvenil. É uma auto-categorização cuja finalidade é a do sentimento de pertença subgrupal, a ostentação duma singularidade e a possibilidade de prognóstico de comportamentos e atitudes nos indivíduos com visuais diferentes. É também leitura óptica através dos sinais ostentados no corpo — sistema eficaz de emissão e captação de mensagens que se nos afigura particularmente adaptado ao tipo de interacção nas grandes cidades, onde a relação face-a-face passou a ser pouco funcional, por vezes impossível e não raramente perigosa.

#### Notas

(1) O fenómeno droga convoca o fenómeno cidade. O abuso psicoactivo sofisticado e exótico (longe, e desaculturado, dos locais de origem do psicoquímico) é urbano-industrial. A droga e a cidade têm curiosas formas comuns: ambas torvelinho, vigília dos sentidos, excesso, ruído. Ambas aceleração dos ritmos — e ambas intoxicação química.

A desintoxicação das drogas convoca o negativo da cidade, o espaço rural. É aí que vão instalar-se as comunidades terapêuticas, com nomes tão sugestivos como "Ares do Pinhal"...

(2) A racionalidade positivista da ciência acreditou que o conhecimento nas ciências humanas seria

uma "física social" (Comte), tal como acreditou que a psicologia seria um domínio relativamente especulativo destinado a diluir-se na fisiologia e na físico-química (p.e., os trabalhos de Loeb no início deste século sobre os tropismos, ou as propostas de Von Uexkull para reconduzir a psicologia à fisiologia do sistema nervoso). Crença compreensível, se atendermos a que a psicologia vinha há pouco de conquistar o seu terreno, tomando com um outro método questões que ameaçavam fugir ao domínio da fisiologia (p.e., as questões postas pelo estudo da sensação).

(3) A R-B não foi lugar exclusivo da investigação. Uma observação podia começar aí e ir acabar do outro lado da cidade, ou começar num qualquer ponto para ir acabar na Ribeira. As possibilidades fortuitas de realizar observação participante ou de aproveitar o acontecimento ocasional determinam uma mobilidade do investigador que o faz transbordar muito a unidade fixa escolhida inicialmente.

(4) Remetemos para os seguintes trabalhos: Allan Williams (1980), Moura (1980), Luís Fernandes (1986).

(5) A observação realizou-se também com recurso à técnica fotográfica: fez-se um levantamento detalhado da zona, com o qual constituímos o dossier Fotoleitura da R-B, com as seguintes secções: Figuras da R-B (fixação fotográfica da actividade humana de rua, da heterogeneidade social, dos tipos de jovens). Os espaços e as Figuras (a rua na R-B é espaço de vida - documentou-se fotograficamente esta característica pré-industrial deste enclave urbano), Esplanadas (os lugares de afluxo juvenil), Barracas das Vendedeiras (pormenorização do espaço de rua, da sua função predominante — a comercial, a de lazer —, e da heterogeneidade humana) e Casas Becos e Vielas (caracterização da malha urbana da zona). A observação por fotografia revelou-se um excelente meio de recolha de dados, que tencionamos continuar a desenvolver. Temos de referir e agradecer a colaboração do Eng<sup>o</sup> Eduardo Beira (fotos) e da Dr<sup>a</sup> Isabel Ribeiro (montagem do dossier).

(6) Olievenstein e Bracconier (1985) dão uma descrição clássica do vivido fenomenológico do consumidor de drogas.

#### Bibliografia

Agra, C. (1980). *Déviante juvenile et toximanie*. Lovaina: U.C.L.  
Barreto, J. (1982). *Rock & droga*. Lisboa: Ed. & etc.

Becker, H. (1963). *Ousiders. Studies in sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe.

Bourdieu, P., Chandoredon, J., Passeron, J. (1968). *Le métier de sociologue*. Paris: Mouton/Bordas.

Brake, M. (1985). *Comparative young culture*. London, New York: Routledge & Keegan Paul.

Comas, D. (1981). Para uma sociologia de las toxicomanias. Saragoça, comunicação ao I Congresso de Sociologia.

Costa, A. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In Silva, S. & Pinto, M. (Ed.) *Metodologia das ciências sociais*. Porto: A-frontamento.

Fernandes, L. (1986). *Para a caracterização dos relacionamentos no sector juvenil - drogas em Portugal*. Centro de Psicologia do Compotamento Desviante, FPCE.

Fernandes, L. (1988). Configurar a trajectória do fenómeno droga a partir das histórias de vida. Lisboa: Comunicação ao II Simpósio Nacional sobre Investigação em Psicologia.

Fernandes, L. (1989). Estratégias qualitativas de investigação do uso de drogas e da toxicod dependência. *Análise Psicológica*, 1-7.

Ferrarotti, F. (1983). *Histoire et histoires de vie*. Paris: Librairie des Meridiens.

Hall, E. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Hall, S. (1969). The hippies, an american moment. In Nagel, J. (Ed.) *Student power*. New York: Merlin Press.

Ingold, R. (1986). La prise en charge médicale des toxicomanes et le reseau sanitaire spécialisé: *Essay d'évaluation. Rapport au Ministre Delegué chargé de la famille et de la santé* (dactil.).

Lowney, J. (1984) The role of a non-participan observer in drug abuse field research. *Adolescence*, 19.

Moura, A. (1980). Uma experiência de renovação urbana. Comunicação ao Encontro sobre a salvaguarda do património cultural. Coimbra.

Obalk, H., Soral, A., Pasche, A. (1984). *Les mouvements de mode*. Paris: Robert Laffont.

Olievenstein, C. & Bracconier (1985). Les toxicomanies. In Diatkine, Lebovici Soulé (Eds.) *Traité de Psychiatrie de L'Enfant et de L'Adolescent*. Paris: Ed. Universitaires.

Reiminho, R. (1987). Flashes da década. *Contraste*, 1,2.

- Romaní, O. (1982). *Droga i subcultura: una història cultural des "haix" a Barcelona*. Departamento de Antropologia Cultural da U. de Barcelona.
- Romaní, O. (1985). Perque els temps estan canviat... In Llopart, D.; Pratt, J.; Prats, Ll. (eds.). *La cultura Popular a Debat*. Barcelona: ed. Altafolla.
- Romaní, O. & Funés, J. (1985). *Dejar la heroína*. Barcelona, ed. Cruz Roja Española.
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.
- Stevenson, B. e col. (1987). Profiles of mod revivalists. *Adolescence*, 22.
- Thinès, G. (1977). *Fenomenologia y ciencia de la conducta*. Madrid: Editorial Pirámide.
- Williams, A. (1980). Conservation planning in oPorto — An integrated approach in the Ribeira-Barredo. *Town Planning Revue*, 51.
- Willis, P. (1983). The cultural meaning of drug use. In Hall, S. e Jefferson, T. (eds) *Resistance trough ritual. Youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutshigon.

### Résumé

Fernandes, L. Psychologie écologique de la consommation de drogues. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, 1990, 55-66.

On fait la description des aspects méthodologiques de certains résultats d'une recherche sur les drogues chez les jeunes dans un contexte urbain-industriel. En prenant comme unité d'étude le quartier Ribeira-Barredo de la ville de Porto (une ville surtout industrielle), on a utilisé la méthode de la recherche sur le terrain, en faisant recours aux techniques d'observation et aux récits de vie. On discute tout d'abord le choix de la méthode, soit son adéquation aux caractéristiques spécifiques de l'ob-

jet, soit les implications épistémologiques de son exercice. Ensuite on fait la description de certains résultats obtenus quant à l'aspect urbain du phénomène de la drogue. Ribeira-Barredo est un "espace chaud" qui suscite l'afflux de groupes de jeunes. Leur relation avec la drogue varie en fonction des types de groupes; sont identifiées les caractéristiques des "junkie" et des "freak flûte". On esquisse la trajectoire du phénomène, depuis la consommation des drogues en petits cercles jusqu'au "junkie" des années 80.

Finalement on pose des hypothèses sur la fonction des "looks" des jeunes.

### Abstract

Fernandes, L. Ecological psychology of drug use. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, 1990, 55-66.

A research on the drug use by young people from industrialized cities is described. We discuss the methods and the principal results. The field work (direct observation and life histories) was based on the Ribeira-Barredo area from Oporto city, a city with a large and important industrial activity.

Method adequacy is discussed considering the high specific target group research and the possible epistemological implications.

Data on the drug phenomena on this city environment is presented and discussed. Ribeira-Barredo is a "hot site" that works like a concentrator of young people. Their relationship with drug has a lot of variations, according to the group typology. "Junkie" and "freak" patterns are identified and described.

A view of the history of the drug phenomena in this area of Portugal is presented, from the small and closed personal and friend-related circles of the early seventies until the "junkie" of the eighties. Some hypotheses about the young people look and young people body expression codes are discussed.